

Índice

Prefácio	7
Livro Primeiro: Duna	23
Livro Segundo: Muad'Dib	243
Livro Terceiro: O Profeta	423
<i>Apêndices</i>	
Apêndice I: A Ecologia de Duna	567
Apêndice II: A Religião de Duna	577
Apêndice III: Relatório sobre as Motivações e o Propósito das Bene Gesserit	587
Apêndice IV: O Almanak en-Ashraf	591
Terminologia do Império	595
Notas Cartográficas	619
Mapa	622

Livro Primeiro

DUNA

Um começo é o momento de ter o mais delicado dos cuidados para que os equilíbrios estejam correctos. Qualquer irmã das Bene Gesserit sabe disto. Para começar o vosso estudo da vida de Muad'Dib, portanto, assegurem-se de que começam por localizá-lo no seu tempo: nascido no 57.º ano do Imperador Padixá, Shaddam IV. E tenham o mais especial dos cuidados em localizar Muad'Dib no seu lugar: o planeta Arrakis. Não se deixem enganar pelo facto de ele ter nascido em Caladan e vivido aí os seus primeiros quinze anos. Arrakis, o planeta conhecido como Duna, é para sempre o seu lugar.

— do *Manual de Muad'Dib*, da Princesa Irulan

Na semana anterior à partida para Arrakis, quando todas as correrias de última hora atingiram um frenesi quase insuportável, uma velha veio visitar a mãe do rapaz, Paul.

Estava uma noite quente no Castelo Caladan, e o antigo monte de pedra que servira de lar à família Atreides durante vinte e seis gerações dava aquela sensação de suor arrefecido que adquiria antes de uma mudança no tempo.

Deixaram a velha entrar pela porta lateral, ao fundo da passagem abobadada que havia perto do quarto de Paul, e foi-lhe concedido um momento para espreitar para onde ele se encontrava deitado na cama.

À meia-luz de uma lâmpada suspensora, esmorecida e a pairar perto do chão, o rapaz, acordado, viu uma volumosa silhueta feminina à sua porta, um passo à frente da sua mãe. A velha era uma sombra de bruxa — o cabelo parecia teias de aranha emaranhadas, um capuz rodeava-lhe a escuridão das feições, os olhos eram como jóias cintilantes.

— Ele não é pequeno para a idade, Jessica? — perguntou a velha. A sua voz silvava e ressoava como um baliset desafinado.

A mãe de Paul respondeu no seu suave contralto:

— Os Atreides são conhecidos por começarem a crescer tarde, Reverência.

— Ouvi dizer, ouvi dizer — silvou a velha. — Mas ele já tem quinze anos.

— Sim, Vossa Reverência.

— Está acordado e a escutar-nos — disse a velha. — Patife manhoso. — Soltou um risinho. — Mas a realeza precisa de manha. E se ele for realmente o Kwisatz Haderach... bem...

No interior das sombras da sua cama, os olhos de Paul eram meras fendas abertas. Duas ovas brilhantes como se de uma ave se tratasse — os olhos da velha-pareceram expandir-se e brilhar ao fitarem os seus.

— Dorme bem, patife manhoso — disse a velha. — Amanhã vais precisar de todas as tuas faculdades para seres apresentado ao meu gom jabbar.

E desapareceu, empurrando a mãe de Paul para fora do quarto, fechando a porta com um baque sólido.

Paul permaneceu acordado, perguntando a si próprio: *O que é um gom jabbar?*

Com toda a perturbação daquela época de mudança, a velha era a coisa mais estranha que vira até aí.

Vossa Reverência.

E o modo como chamava Jessica à mãe, como se ela fosse uma simples criada e não o que era — uma Dama Bene Gesserit, concubina de um duque e mãe do seu herdeiro.

Será um gom jabbar algo de Arrakis que eu tenha de conhecer antes de irmos para lá?, interrogou-se.

Articulou as estranhas palavras: *Gom jabbar... Kwisatz Haderach.*

Tinha havido tantas coisas para aprender. Arrakis seria um lugar tão diferente de Caladan que a mente de Paul rodopiava com o novo conhecimento. *Arrakis — Duna — Planeta Deserto.*

Thufir Hawat, o Mestre de Assassinos do pai, explicara: os inimigos mortais da família, os Harkonnen, tinham passado oitenta anos em Arrakis, controlando o planeta como um quase-feudo sob um contrato da Companhia CHOAM para minar a especiaria geriátrica, melange. Agora, os Harkonnen estavam a partir para serem substituídos pela Casa Atreides em feudo-completo — uma aparente vitória para o Duque Leto. No entanto, dissera Hawat, esta aparência continha o mais mortal dos perigos, pois o Duque Leto era popular entre as Grandes Casas do Landsraad.

— Um homem popular desperta a inveja dos poderosos — dissera Hawat.

Arrakis — Duna — Planeta Deserto.

Paul adormeceu e sonhou que estava numa caverna de Arrakis, rodeado de gente silenciosa, deslocando-se à luz mortiça de globoclarões. O lugar era solene, como uma catedral, e ele escutava um ténue som — o ping-ping-ping da água. Mesmo enquanto permanecia no sonho, Paul soube que se lembraria dele quando acordasse. Lembrava-se sempre dos sonhos que eram predições.

O sonho desvaneceu-se.

Paul acordou e achou-se no calor da sua cama — pensando... pensando. Aquele mundo do Castelo Caladan, sem brincadeiras nem companheiros da sua idade, talvez não merecesse tristeza na despedida. O Dr. Yueh, seu professor, sugerira que o sistema de classes faufreluches não era rigidamente defendido em Arrakis. O planeta abrigava pessoas que viviam à beira do deserto sem caid ou bashar que as comandasse: gente espectral do deserto chamada fremen, que não estava contabilizada em nenhum censo do Regate Imperial.

Arrakis — Duna — Planeta Deserto.

Paul detectou as suas próprias tensões, decidiu treinar uma das lições de mente e corpo que a mãe lhe ensinara. Três respirações rápidas espoletaram as reacções: caiu na consciência flutuante... focar a consciência... dilatação da aorta... evitar o mecanismo desfocado da consciência... para estar consciente por escolha própria... sangue enriquecido a inundar rapidamente as regiões de sobrecarga... *não se obtém alimento-segurança-liberdade só através do instinto*... a consciência animal não se prolonga para lá de cada momento nem abarca a ideia de que as suas vítimas poderão extinguir-se... o animal destrói e não produz... os prazeres animais mantêm-se próximos do nível das sensações e evitam o que é perceptual... o humano requer uma matriz de base, através da qual possa ver o seu universo... consciência focada por escolha própria, é isso que forma a matriz... a integridade corporal segue o fluxo nervoso-sanguíneo de acordo com a mais profunda consciência das necessidades celulares... todas as coisas/células/seres são impermanentes... tentar alcançar a permanência de fluxo interior...

A lição rodopiou uma e outra e outra vez no interior da consciência flutuante de Paul.

Quando a alvorada tocou o parapeito da sua janela com luz amarela, ele sentiu-a através das pálpebras fechadas e abriu-as, ouvindo então o renovado bulício e confusão do castelo, vendo o padrão familiar das vigas do tecto do seu quarto.

A porta do corredor abriu-se e a mãe espreitou para dentro, com o cabelo, como bronze matizado, preso por uma fita no topo da cabeça, o rosto oval sem emoções e os olhos verdes a fitá-lo, solenes.

— Estás acordado — disse. — Dormiste bem?

— Sim.

Ele estudou-lhe a silhueta, viu uma sombra de tensão nos seus ombros enquanto lhe escolhia a roupa, no armário. A outra pessoa, a tensão podia ter passado despercebida, mas ela treinara-o nos Modos Bene Gesserit — na minúcia de observação. Virou-se com um casaco semiformal na mão, para ele vestir. Mostrava o brasão Atreides, vermelho, com o falção, por cima do bolso do peito.

— Despacha-te e veste-te — disse ela. — A Reverenda Madre está à espera.

— Sonhei com ela, um dia — disse Paul. — Quem é?

— Foi minha professora na escola Bene Gesserit. Agora é a Verdavidente do Imperador. E, Paul... — Hesitou. — Tens de lhe falar dos teus sonhos.

— Falarei. Foi por causa dela que obtivemos Arrakis?

— Nós não *obtivemos* Arrakis. — Jessica sacudiu poeira de um par de calças, pendurou-as juntamente com o casaco no cabide que havia junto da cama dele. — Não deixes a Reverenda Madre à espera.

Paul sentou-se, abraçou os joelhos.

— O que é um gom jabbar?

De novo, o treino que ela lhe dera expôs a sua hesitação quase imperceptível, uma revelação nervosa que ele sentiu como medo.

Jessica atravessou o quarto até à janela, abriu bem os cortinados, e deixou o olhar perder-se por cima dos pomares do rio na direcção do Monte Syubi.

— Depressa ficarás a saber o que é... o gom jabbar — disse.

Ele ouviu o medo na sua voz e interrogou-se sobre ele.

Jessica falou sem se virar.

— A Reverenda Madre está à espera na minha sala de estar. Por favor, despacha-te.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam estava sentada numa cadeira forrada de tapeçaria a observar a aproximação da mãe e do filho. Janelas de ambos os lados davam para a curva sul do rio e para as verdejantes terras de cultivo da propriedade da família Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a vista. Naquela manhã estava a sentir a idade de uma forma que era mais do que um pouco impertinente. Punha as culpas na viagem espacial e no convívio com aquela abominável Guilda do Espaço e com os seus modos cheios de segredos. Mas encontrava-se ali uma missão que requeria a atenção pessoal de uma Bene Gesserit

dotada de Visão. Nem mesmo a Verdavidente do Imperador Padixá podia esquivar-se a essa responsabilidade quando chegava o chamamento do dever.

Maldita seja esta Jessica!, pensou a Reverenda Madre. *Se ao menos nos tivesse dado à luz uma rapariga, como lhe foi ordenado!*

Jessica parou a três passos da cadeira, fez uma pequena vénia, um movimento suave mas rápido com a mão ao longo da costura da saia. Paul fez a vénia curta que o seu instrutor de dança lhe ensinara — aquela usada “quando em dúvida quanto ao estatuto da outra pessoa”.

As subtilezas da saudação de Paul não passaram despercebidas à Reverenda Madre. Disse:

— Ele é cauteloso, Jessica.

A mão de Jessica pousou no ombro de Paul, apertando-o. Durante um segundo, o medo latejou na sua palma. De seguida, ela controlou-se.

— Foi assim que foi ensinado, Vossa Reverência.

De que tem ela medo?, perguntou Paul a si próprio.

A velha estudou Paul num relance de *gestalt*: a cara oval como a de Jessica, mas ossos fortes... cabelo, o negro-negro do Duque mas com a testa do avô materno que não pode ser nomeado, e aquele nariz fino e desdenhoso, dando forma a olhos verdes que olham directamente, como o velho duque, o avô paterno que está morto.

Ora aí estava um homem que dava valor ao poder da bravata... mesmo na morte, pensou a Reverenda Madre.

— Ensinar é uma coisa — disse —, o ingrediente básico é outra. Veremos. — Os velhos olhos fulminaram Jessica. — Deixa-nos. Ordeno-te que pratiques a meditação da paz.

Jessica tirou a mão do ombro de Paul.

— Vossa Reverência, eu...

— Jessica, sabes que tem de ser feito.

Paul ergueu os olhos para a mãe, confundido. Jessica endireitou-se.

— Sim... claro.

Paul voltou a olhar para a Reverenda Madre. A delicadeza e o evidente temor que a mãe sentia por aquela velha aconselhavam cautela. Mas o medo que sentia a irradiar da mãe causava-lhe uma apreensão irritada.

— Paul... — Jessica respirou fundo. — ... Esta prova a que vais ser sujeito... é importante para mim.

— Prova? — Ergueu os olhos para ela.

— Lembra-te de que és filho de um duque — disse Jessica. Girou sobre si própria e saiu a passos largos da sala com uma vergastada seca da saia. A porta fechou-se solidamente nas suas costas.

Paul encarou a velha, controlando a ira.

— Agora manda-se embora a Dama Jessica como se ela fosse uma rapariga de servir?

Um sorriso dobrou os cantos da velha boca enrugada.

— A Dama Jessica *foi* a minha rapariga de servir, rapaz, durante catorze anos, na escola. — Fez um aceno. — E era boa. Bom, *tu*, vem cá!

A ordem caiu sobre ele como uma chicotada. Paul deu por si a obedecer antes de conseguir pensar no assunto. *A usar a Voz em mim*, pensou. Parou a um gesto dela, junto aos seus joelhos.

— Estás a ver isto? — perguntou a mulher. Das dobras do vestido, ergueu um cubo verde de metal com cerca de quinze centímetros de lado. Virou-o e Paul viu que um dos lados estava aberto... e era negro e estranhamente assustador. Nenhuma luz penetrava naquele negrume aberto.

— Põe a mão direita na caixa — disse ela.

O medo assaltou Paul. Começou a recuar, mas a velha disse:

— É assim que obedeces à tua mãe?

Paul ergueu o olhar para os seus olhos brilhantes como os de uma ave.

Lentamente, sentindo as compulsões e incapaz de as inibir, Paul pôs a mão na caixa. Sentiu primeiro uma sensação de frio enquanto o negrume se lhe fechava em volta da mão, e depois um metal liso contra os dedos e um formigueiro, como se tivesse a mão dormente.

Uma expressão predatória encheu as feições da velha. Afastou a mão direita da caixa e colocou-a perto do lado do pescoço de Paul. Este viu aí uma cintilação metálica e começou a virar-se para ela.

— Pára! — exclamou a velha.

Outra vez a usar a Voz! Voltou a desviar a atenção para a cara dela.

— Tenho o gom jabbar junto do teu pescoço — disse ela. — O gom jabbar, o inimigo altaneiro. É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah-ah! Não te afastes, senão sentirás esse veneno.

Paul tentou engolir em seco. Não conseguia afastar a atenção da velha cara enrugada, dos olhos cintilantes, das gengivas pálidas em volta dos dentes de um metal prateado que relampejavam quando ela falava.

— Um filho de duque *tem* de possuir conhecimentos sobre venenos — disse ela. — É assim que os nossos tempos funcionam, hã? Musky, para se ser envenenado pela bebida. Aumas, para se ser envenenado pela comida. Os rápidos e os lentos e os intermédios. Aqui tens um novo: o gom jabbar. Só mata animais.

O orgulho subjuguou o medo de Paul.

— Atreve-se a sugerir que o filho de um duque é um animal? — perguntou.